

VILÉM FLUSSER Mondrian ou um nascimento do estruturalismo.

1

A exposição retrospectiva de Mondrian atualmente organizada em Haia serve para ilustrar o seguinte: Todos podemos constatar uma ruptura dolorosa no próprio pensar e vivenciar as coisas. Ruptura que encaramos sem podermos compreendê-la. E como se trata de incompreensão do próprio pensamento e da própria vida, o mandamento clássico "conheça-te a ti próprio" torna-se, para nós, incumprível. A ruptura é esta: Habitualmente pensamos e vivenciamos dentro das linhas traçadas pela tradição romântica, e tais linhas têm caráter nitidamente dinâmico, dramático e historicista. Isto é: conhecemos o mundo e a nós próprios enquanto processos que demandam o futuro a partir do passado. Com efeito, em tal clima o futuro é o sentido de tudo. Mas advêm instantes nos quais somos expelidos de tais linhas traçadas, e encontramos-nos repentinamente em regiões para nós inviáveis, regiões nas quais falar-se em dinâmica, história e sentido se torna impossível, e nas quais devem ser aplicados conceitos como o é o campo, a relação, a "Gestalt", e níveis de estruturas. São regiões isentas de dramaticidades nas quais prevalece o clima gelado do formalismo. Trata-se de planaltos isentos de sentido, a partir dos quais observamos os vales dos acontecimentos históricos ~~que~~ nos quais moramos habitualmente.

Como subimos em tais cumes estruturalistas, (ou como avançamos até lá, ou como até lá recuamos ou descemos)? E como eles se relacionam com o mundo dos acontecimentos?. Estas as perguntas perturbadoras. Em outras palavras: como podemos engajar-nos nos acontecimentos e simultaneamente observar-lhes as estruturas do lado de fóra? É claro: trata-se de pergunta que nos fere o coração, não apenas o cérebro, e a ruptura mencionada não passa entre cérebro e coração, mas ambos ficam destroçados. Não é assim que podemos aderir intelectualmente ao estruturalismo e vitalmente ao progresso, mas é assim que devemos ser simultaneamente ambas as coisas, portanto devemos superar a dialéctica não dialécticamente. Tal a nossa tarefa, tarefa que manda ultrapassar todo pensar, sentir e agir sem queda em ceticismo, apatia e ataraxia.

O problema se põe em todos os campos. E em cada qual tem aspectos diferentes. Na ciência se trata de reformular a mundividência e a metodologia. Por exemplo: focalizar na física o campo, na biologia o ambiente, na psicologia a relação de níveis, na sociologia as estruturas do comportamento. E encontrar uma metodologia heurística baseada em modelos. Na economia e política trata-se de reformular a decisão no sentido de desideologização e formalização dos projetos. Na arte trata-se de reformular a vivência do mundo e de si próprio no sentido de alcançar vivência concreta das formas subjacentes, (portanto em certo sentido trata-se de uma espécie de neo-platonismo). E, indubitavelmente, o problema tem seus

VILÉM FLUSSER
aspectos morais e religiosos. Trata-se pois de problema inevitável para todos. E, por onde que se queira olhar, não se encontra resposta. É isto que significa viver-se em tempo de ruptura, ruptura essa que não divide apenas o mundo lá fora, mas ainda mais o mundo cá dentro.

Embora não exista resposta, existem indícios dos lugares aonde devemos procurar por ela. A saber naqueles grandes homens que viveram entre as duas guerras, (época na qual a ruptura se estabeleceu), e os quais a sofreram em ato. Portanto em Wittgenstein, ou Heisenberg, ou Portmann, ou Piaget, ou Buber. Ou, com clareza especialmente iluminadora, em Mondrian tal como estésendo exposto em Haia. Porque lá pode ser visto concretamente o que é tão difícil dizer-se linguisticamente: a repentina virada do sentido em forma, do acontecer em ser, do tempo em estrutura, do relato em exposto. Tal virada não se deu em Mondrian pela abstração sucessiva, de maneira que tenha distilado a estrutura nas coisas. Sem dúvida, Mondrian experimentou tal método também, e passou pelo cubismo. Mas a sua grandeza está no fato de ter compreendido que tal método é ontologicamente e epistemologicamente falho. Mas assim que Mondrian deu repentinamente as costas às coisas, (tanto às coisas da natureza quanto às da cultura), e que destarte as coisas caíram do campo de interesse para o abismo do sem-sentido. E o terrífico é que com as coisas também o homem no sentido tradicional do termo desapareceu e perdeu sentido. Era o fim do humanismo, daquela concentração sobre o homem que se inicia mesmo antes do renascimento. E pois possível vivenciar-se isto concretamente em Haia.

A crítica europeia esgá se dedicando, na imprensa e na TV, seriamente e demoradamente para explicar isto. Alguns chamam Mondrian de iconoclasta. Sem dúvida: é verdade. Somos, enquanto herdeiros de Mondrian, todos destruidores de todas as imagens possíveis. Mas esta explicação parece-me partir do lado ultrapassado do abismo. Do lado de cá a coisa se põe de maneira diferente. Não mais enquanto mandamento de não fazer-se imagem, mas enquanto constatação do fato que imagens carecem sentido. Imagens das coisas, ou do mundo como é, ou como deve ser, ou como é e deve ser o homem. Do lado de cá a vista se abre para o mundo inimaginável das relações puras. No instante no qual dou as costas ao mundo imaginável e pleno de sentido, (seja porque este me causa náusea, seja porque o outro me fascina com sua harmonia), vejo aquele outro mundo matemático e musical composta daqueles entes que nós chamamos "formas" e Platão chamava "idéias". (Embora seja duvidoso se é lícito tentar transportar Platão para o nosso lado do abismo). Mas vejo tal mundo não na visão pura da teoria platônica, nem na visão mística da inspiração, mas concretamente na tela, tal como Mondrian a fez para eu vê-la. Posso vê-lo atualmente de várias maneiras. Logicamente nas ciências, praticamente na política, moralmente na religião, mas aqui o vejo concretamente enquanto linha e plano, côr e tessitura. É isto que faz de

VILÉM FLUSSER

Mondrian janela preferencial sobre o nosso problema. Sobre a ruptura da qual sofremos.

Para dar um único exemplo daquilo que pode ser visto em Haia: Estamos sendo arrastados pela dinâmica dos acontecimentos, de maneira que não podemos compreender como tal dinâmica se dissolve, por assim dizer, nas estruturas subjacentes aos acontecimentos para passar a ser apenas uma entre as várias dimensões da realidade. Mas se observarmos as obras aparentemente estáticas do Mondrian tardio, podemos ver concretamente e sem comentário necessário, como em tal ou qual canto da tela o tempo pulsa, com que veemência gira ou flui, mas como está domado e expelido para a periferia pela estrutura dominante da tela. Aí compreendemos de repente que a aparente estática da estrutura não é superação dialéctica de vetores dinâmicos, mas que ela é, pelo contrário, o campo no qual vetores dinâmicos podem dar-se. Podemos vivenciar concretamente que aquilo que chamamos "tempo", (e, a fortiori, aquilo que chamamos "progresso"), não passa de rede-moinho local no deserto arenoso das estruturas, de fata morgana que se ergue para sossegar novamente. (O fato de Mondrian ter tido tendências teosóficas não pode ser acaso.) Em outros termos: O mundo formal, por exemplo o einsteiniano, o qual não podemos imaginar, mas no qual devemos viver, passa a ser em Mondrian e graças a Mondrian vivência concreta que dispensa comentários explicativos.

Podemos pois captar em Mondrian o mundo formal e o abismo que o separa do mundo dos acontecimentos. E isto significa que em Mondrian podemos formular o nosso problema com excepcional clareza. Não podemos, no entanto, lêr em Mondrian qualquer resposta ao problema. E ele um dos nossos grandes colocadores de problemas, mas a resposta a eles deve ser dada por nós próprios, sem auxílio externo. Isto é: devemos descobrir ou inventar a maneira de viver-se, sofrer-se e agir-se dignamente no mundo das coisas e dos eventos, agora que conhecemos as suas estruturas subjacentes, e que as podemos vivenciar, graças a Mondrian, concretamente. Devemos fazê-lo ou pelo menos tentar fazê-lo, e, em última análise, esta é a nossa liberdade. O estruturalismo, (como não importa que outra revolução cultural), tem inúmeras raízes. Uma visita à exposição retrospectiva de Mondrian em Haia revela uma dessas raízes e portanto uma das nossas raízes.